

INCOMPETÊNCIA, PERPLEXIDADE E A HISTÓRIA

EM ALGUNS ROMANCES DE ALVES REDOL

GREGORY MCNAB
(Univ. de Rhode Island)

17

Duvidamos que se pense em Alves Redol, o romancista, como um escritor muito relacionado com a História, ou seja, com uma realidade histórica, com um passado documentável. A verdade, porém, é que a História é um assunto de interesse na sua obra de ficção, não necessariamente no sentido da recriação de um passado documentável, nem no da elaboração de uma meta-história, mas antes no do desenvolvimento da problemática de justiça e progresso que a obra dele sempre considera¹. Um aspecto dessa problemática é a questão da consciência, noção que nós entendemos ser uma apreensão e uma compreensão do que está em redor, e uma disposição para daí criar um futuro melhor². Os graus de desenvolvimento dessa consciência podem abranger, num extremo, o mero reconhecimento distanciado da presença da realidade em redor e, noutro, a obsessão de sobrepor na realidade uma estrutura mental ego-cêntrica e predeterminada. Também podem incluir uma inclinação pouco definida para intervir na realidade e modificá-la e outra onde a questão é reconhecer o imperativo de se comprometer³. Dito isso, queremos indicar uma intenção de considerar quatro romances de Redol onde a consciência das personagens principais fixa a incompetência⁴ ou a perplexidade⁵ delas perante uma crise, perante um momento de mudança e de abertura na História, e o propósito de avaliar até que ponto esses estados figuram na sua capacidade para influenciar ou para se aproveitar das opções lançadas pela crise. Isto é, como é que a figura se comporta perante esse momento crítico da História?

Em *Barranco de Cegos* (1961) prestamos atenção a um reaccionário dogmaticamente consciencializado a resistir às implicações do fim da monarquia em Portugal, enquanto em *Os Reinegros* ([1945]) observamos um aspirante mal consciencializado a tentar tirar sentido da implantação da primeira república em Portugal. Em *A Barca dos Sete Lemes* (1958) investigamos uma figura mal informada não consciencializada, transformada em servo do fascismo, enquanto em *O Cavalo Espantado* (1960) pes-

¹ *A França: Da Resistência à Renascença* seria um texto dele mais assente no discurso convencional de uma História mas também no contexto da problemática da justiça e progresso.

² Ver, por exemplo, Pinheiro Torres (1977, pp. 15-16).

³ No esboço dessas possibilidades, fomos provocados positivamente por Hayden White (1986).

⁴ Para os nossos fins, neste ensaio, a expressão “incompetência” reúne as ideias de ignorância, inabilidade, incapacidade.

⁵ Igualmente, o termo “perplexidade” engloba as noções de dúvida, hesitação e indecisão.

quisamos um homem decente quase efectivamente consciencializado, à beira de ser tornar resistente ao fascismo.

É fácil definir o campo histórico de *Barranco de Cegos*: os bancos, as finanças do governo, e o medo e a ansiedade dos que especulam com o dinheiro e com as finanças, o republicanismo em Portugal, e o regicídio⁶. O caso de Diogo Relvas neste romance mostra a derrota de uma consciência dogmaticamente retrógrada. Isto é, o valor da visão passadista de Relvas assenta totalmente na vontade dele⁷. Ele quer sem dúvida manter-se isento do fluir das correntes da História. Quer supostamente posicionar-se à parte da política contemporânea, como sugere a presença da cabeça embalsamada do cavalo de D. Pedro e da cabeça do de D. Miguel na sala grande dele. Deseja ficar longe do que considera a decadência da sua época, preservar o carácter bucólico da nação e pugnar por uma actividade tradicional, por um valor eterno: a lavoura. Nada lhe parece valer a não ser que sirva a lavoura. Se é dinheiro, é para a lavoura. Se são campos, são para a lavoura. Se é mais terra, é para a lavoura. Se é tecnologia, só se é para a lavoura. A lavoura é o que permanece, é o que é ahistórico, e é onde ele domina.

Achamos evidente, no contexto de *Barranco de Cegos*, que essa valorização da lavoura indica o desejo de Diogo Relvas de obrigar a sociedade a marchar atrás no fluir da História. Esse encaminhamento pode revestir-se de benevolência e paternalismo quando senhorialmente ele resolve um conflito entre rendeiros sobre água. Sublinhamos senhorialmente porque é num contexto de rei, com cortejos, paradas e exhibições que Diogo Relvas recebe o monarca nacional quando este visita o Ribatejo, tudo isso merecendo a Diogo Relvas o título de rei dos lavradores. Essa bazófia tem mais cabimento na Idade Média, quando o vassalo era frequentemente tão poderoso como o rei. Mas em transição para o século vinte, essas pretensões são a face de um senhor feudal, arbitrário, absolutista e ditatorial. «Que pretendia afinal?... [pergunta o narrador acerca de Relvas, e responde, não sem ironia, desmistificando para sempre a noção de uma nostalgia por um tempo passado melhor e mais sossegado] Algo de simples: o regresso à paz verdadeira, em que os homens aceitam hierarquias entre si, uns com a albarda, outros com a espada, cada qual alegre da sua tarefa, sem que aos cavalgados pudesse alguma vez apetercer a inversão das posições» (p. 370). Várias práticas e acções dele confirmam a veia absolutista do senhor de Aldebarã e desmentem a máscara benevolente e paternalista. Em termos de prática geral, é Diogo Relvas quem determina o voto dos rendeiros. É ele quem exila os desobedientes na família e quem advoga medidas duras para as famílias de qualquer opositor. O exemplo mais impressionante dessas práticas e acções é o castigo violento imposto à filha, Maria do Pilar, e ao amante popular dela, Zé Pedro Borda d'Água.

A marcha atrás, porém, é impossível. Nada leva ao domínio contínuo dele sobre os outros. Pelo contrário, resulta finalmente na redução dele a pó⁸. Ele acaba por não ser nem o “eventful man” nem o “event making man”, para usar as expressões de Sidney Hook (p. 154). Como se ele não se apercebesse, todos os outros eventualmente se põem a seguir rumos divergentes do dele. Os filhos abandonam-no na morte ou na distância. Os outros lavradores adaptam-se a novas circunstâncias menos favoráveis à lavoura. Os vilões em que ele sempre mandava passam a resistir e a negá-lo, como faz o caiador Norberto num momento culminante do romance. A torre dos

⁶ Num contexto diferente, merece muita atenção a leitura intertextual de *Barranco de Cegos* realizada por Ana Paula Ferreira (1992, pp. 244-257).

⁷ Segundo Stephen Pepper, um dogmatista é “one whose belief exceeds his cognitive grounds for belief” (p. 11).

⁸ No contexto do destino de Diogo Relvas, ao contrário de Pinheiro Torres (1979, p. 277), não achamos nada paradoxal que o protagonista de *Barranco de Cegos* seja uma grande latifundiário.

quatro ventos, antigamente o refúgio exclusivo dele e dos fantasmas do seu passado, torna-se o sarcófago e a urna para o pó que é apenas o que dele resta depois de um gato quebrar a janela.

O campo histórico que se apresenta em *Os Reinegros* abarca um período que vai do tempo do regicídio, em 1908, até à revolta monárquica na Serra de Monsanto, em 1919, sendo-lhe central o estabelecimento de uma república e o desengano que se segue. Mas mesmo que haja desengano, é importante notar que, no caso de Alfredo Reinegro, mostram-se os primeiros passos de uma consciência nascente que talvez num futuro consiga superar qualquer desengano. Uma indicação da provisoriedade dessa consciência são os laços ainda fracos entre ele e o resto da Humanidade. Os interesses dele demoram a coadunar-se com os da colectividade humana. Espelha-se essa deficiência na constituição da sua família⁹. A aproximação dele e de Júlia, a mulher, dá-se mais por causa da falta de alternativas do que como resultado de um namoro sincero. Na vida conjugal deles, há em cada um uma incapacidade de atender à outra quando arcando com os próprios interesses e desejos. E com os filhos há uma notável falta de uma frente de unidade paterna-maternal no tratamento deles. Os filhos recebem sempre uma atenção fragmentária dos pais, sempre de um ou de outra, mas quase nunca dos dois em conjunto. «A um nível alegórico [diz Ana Paula Ferreira] é possível reconhecer o choque entre os Reinegros como alusivo ao próprio choque entre o povo e a burguesia no conteúdo histórico da República» (1991, p. 90). Não nos esqueçamos que Júlia parece andar à procura de um sonho romântico-sentimental.

Tendo uma consciência nascente, Alfredo Reinegro não está à parte do fluir da História, mas sem uma boa noção das alternativas à sua situação, não pode imediatamente aproveitar-se das possibilidades dos momentos de crise em que vive. Está inicialmente a favor da república, não pelo que oferece mas pelo que elimina: os patrões e a vida dura. Se o velho regime era para os que exploravam, o novo regime teria que estar para os que eram explorados. Nesse sentido, Alfredo aceita, mas não escolhe. Está pouco preparado para escolher. Nem sempre sabe bem o que está a acontecer fora da sua zona, e frequentemente quando sabe não percebe o que significa o que está a acontecer. De onde lhe vem uma perspectiva diferente é de alguém como Luís Polidor, mas este acaba promovendo apenas os seus próprios interesses. Não nos esqueçamos de que Redol já indicara em *Marés* (1941) que a república não podia ser para a classe trabalhadora quando pôs o merceeiro Francisco da Silva Diogo, respondendo a uma proposta de fixação de preços, a declarar: «— Isto [a fixação] são coisas desses senhores socialistas. Eu e os outros fizemos a República e afinal isto é uma república para eles» (1944, p. 192). É só com as conclusões de pessoas cujos interesses coincidem com os dele que Alfredo Reinegro consegue contrabalançar a perspectiva de um Polidor, e isso vem só quando Alfredo abandona o armazém do Senhor Almeida para ir trabalhar num ambiente mais proletário.

Não quer dizer que essas conclusões sejam válidas para Alfredo, mas levam-no a pensar. A luta contra a miséria que vem da Guerra e a solidariedade vivida durante duas greves alargam-lhe a visão. Possivelmente mostram-lhe que em termos imediatos a participação colectiva é que importa. É irónico então que Alfredo e outros, parece que com entusiasmo, acabem defendendo essa república que os desiludiu. E visto que o prémio que Alfredo Reinegro recebe pelo seu entusiasmo é uma bala na cabeça, ficamos a perguntar se essa conclusão deve ser considerada uma cruel ironia ou apenas um dos muitos passos precisos para ir em frente.

⁹ Um ensaio de Ana Paula Ferreira (1991) sonda mais extensivamente a questão da família e a inter-relação dela e do momento histórico.

Inclinamo-nos nós pela segunda possibilidade. Notemos que o compromisso a favor da defesa da república vem depois de um processo de desenvolvimento em Alfredo. Além disso, a fragmentação da família diminuíra com as indicações de militância na luta popular da parte de Júlia. É notável não só a acção dela numa marcha de fome como também a reacção conciliadora de Alfredo que Redol nos dá: «Ah, mulher!... ciciava-lhe o seu Alfredo, com os olhos marejados de lágrimas. Naquele momento o passado não existia» (p. 350). O leitor talvez ache louváveis o ataque de Júlia ao armazém e o sacrifício de Alfredo pela república. E são, porque representam a entrada dos dois em algum empreendimento maior do que eles. Mas eles não sabem, além da necessidade do momento, por que é que dão esse passo. Não têm a consciência do tipo que tem Manuel Caixinha em *Fanga* (1943). Não têm ninguém que lhes ensine como tem Manuel Caixinha, porque a ideologia que lhes podia fornecer uma visão propositada ainda não se implantara bem no Portugal do tempo da primeira república e da primeira guerra¹⁰.

O campo histórico n'*A Barca dos Sete Lemes* talvez não pareça muito em destaque no princípio da vida do protagonista. Mas há um número suficiente de referências para o leitor inferir que esse começo coincide com certos conflitos entre o ideário da primeira república e uma visão do mundo enraizada num tempo muito anterior à república. A época do fim da trajectória biográfica de Alcides Bago-de-Milho são os anos que darão na segunda guerra. O conflito em que ele participa sem realmente saber nada do contexto é, provavelmente, a Guerra Civil Espanhola, como declara Pinheiro Torres (1979, p. 232), embora no romance de Redol pareça ser mais a repressão espanhola das aspirações dos habitantes de colónias no norte de África. Todo o romance estará a responder ao desejo do interlocutor na prisão e escriba da história de Alcides: «eu precisava de conhecer como de um homem simples se faz um falcão» (p. 308)¹¹.

É que a consciência de Alcides fica num estado instintivo. À ética dele falta uma dimensão social. Talvez possamos dizer que Alcides fica para sempre um criança, uma criança em cada passo que dá, talhada, directa ou indirectamente, por adultos, uma criança despida de inocência, sem nada que compense essa inocência desaparecida. Assim o caso de Alcides, a "barca dos sete lemes", mostra os perigos da falta de uma dimensão social na consciência. O que não deixa que isso nasça nele é a formação acidentada da sua vida. Os episódios dela estão justapostos como episódios que se seguem aos saltos, um ao outro, sem coerência. E estão pervertidos. Nascer numa cavaliçã na época do Natal, como se deu com Alcides, traz implicações cristãs. As pessoas da sua terra pensam numa bênção, mas por causa da onda de pneumonia de 1918 que mata muita gente, passam a pensar numa praga. A creche de órfãos onde Alcides passa anos chega a ser uma prisão e não um refúgio que o prepare para a vida. O tempo que vive na loja de Lobato, onde podia aprender uma profissão, apresenta-lhe o engano e a mentira. Sai daí desconfiando das pessoas e valorizando as coisas. Importa-lhe o seu relógio. Preza a sua harmónica. Gosta da companhia de um cão. Mas Alcides não consegue apreciar a Humanidade em geral.

Não há dúvida que Alcides tem habilidades e qualidades positivas. Sabendo escrever e sendo capaz de redigir cartas, ele pode alargar a voz dos que lhe pedem

¹⁰ Ver, por exemplo, o que diz António Pedro Pita sobre as primeiras referências a Marx em Portugal (pp. 37-40).

¹¹ A pergunta subjacente aqui é a mesma preocupação implícita que Redol, na década de trinta, teria lido sobre Louis One Eye na tradução para o castelhano de *Jeus without Money* (1930): «Todo el mundo continuó odiando a Luis el Tuerto, y yo también. Ahora odio más a aquellos que cogieron a un muchacho del East Side y lo convirtieron en un monstruo útil a los patronos en las hulegas y a los políticos en las elecciones» (p. 137). E tendo em conta a «influência do pensamento de Sartre» observada por Ana Paula Ferreira (1992, p. 217) em *A Barca dos Sete Lemes*, não nos parece descabido pensar no romance de Redol como outra faceta do tipo da sondagem que Sartre fizera à burguesia em «L'enfance d'un chef» (1939).

cartas de amor ou de notícias para familiares. Sabendo tocar música, na lezíria a sua harmónica mitiga a dura vida dos que lá labutam. Alcides também tem um sentido instintivo do valor dos menos protegidos. Para uma pomba, ele revela carinho. No asilo de órfãos, ele tenta proteger uma menina contra um assalto. Entende os sentimentos de João Mula Brava. Preocupa-se com Nena, a sua amada. E tem um possível sentido colectivo, pelo menos quando na cadeia ele canta com os outros presos a acompanhar Garcia contra os nazistas.

Mas apesar dessas possibilidades, o valor de Alcides para os outros é apenas passageiro. Ele está na loja de Lobato porque para este é uma arma à mão; Alcides sabe que o dono de outra loja, Negrão, é quem assaltou a menina no asilo de órfãos. Na lezíria, Alcides vale ao Patrão Agostinho Serra porque está disposto a incendiar o trigo de onde o patrão quer cobrar pagamento de danos da companhia de seguros, para saldar contas com outros mais distantes e mais poderosos. Na milícia em Marrocos, para onde foi sem saber para que ia, ele fica sendo verdugo do Capitão Michelet, tratando das mortes que este tão caprichosamente decreta. Depois, na cadeia porque matara Michelet por uma raiva, Alcides descobre a sua dispensabilidade. Ninguém da milícia que servira vem testemunhar por ele.

Em *O Cavalo Espantado*, Redol volta aos primeiros momentos da Segunda Guerra, a que prestara atenção em «Nasci com Passaporte de Turista» (1940). Durante o tempo do romance, que vai de Fevereiro de 1939 até Setembro, com as alusões à guerra bem no fundo da narrativa, Redol aponta para a necessidade de arcar com a ameaça de genocídio, não só da parte dos de fora como também da parte dos de dentro, dos que estão em perigo iminente. Entende-se assim o título do romance, que alude a um dos quatro cavalos do Apocalipse, o amarelo que leva a Morte incontável¹². É bem possível que Pedro Dias, o protagonista, seja, como insiste Pinheiro Torres (1979, p. 266), uma projecção de Alves Redol¹³. Mas também o exemplo de Pedro Dias nos lembra o que teria vivido Aristides de Sousa Mendes, “o cônsul injustiçado”, que concedeu milhares de vistos a judeus refugiados em Bordéus em Junho de 1940. Para nós são menos os possíveis referentes e mais a valorização da apreensão e do aspecto assimétrico da diáde explorada-activista que interessam. O caso de Pedro Dias demonstra as possibilidades e as dificuldades de uma consciência relativamente bem formada e positivamente inclinada. Em primeiro lugar, a chamada para intervir chega-lhe mais ou menos de forma inesperada, e ele não tem vivido tanto que estivesse preparado para essa eventualidade. O ambiente do consulado em Lisboa, agência comprada pelo patrão, é principalmente comercial, e o pessoal está entregue mais aos interesses da firma do que à emissão de vistos para possíveis refugiados. Pedro, guarda-livros aí, é o encarregado dos vistos simplesmente porque, sabendo francês, é capaz de comunicar com pessoas vindas de fora que querem ir para o país sul-americano cujos interesses o consulado representa. Já sabe que não tem autorização para emitir vistos a indivíduos com “J” no passaporte. Além disso precisa de ter cuidado com passaportes possivelmente falsificados. Embora queira ficar distante da política, deseja ser humano.

Em segundo lugar, as pessoas que ele terá de ajudar não são de todo sinceras nem simpáticas. Os judeus que precisam da ajuda dele são judeus com dinheiro e

¹² Os quatro cavalos são alistados nas últimas páginas, por Jadwiga, numa conversa entre Pedro Dias e ela: — O Apocalipse fala de um cavalo branco, de um cavalo vermelho, de outro amarelo e ainda de um negro. No cavalo vermelho vai a guerra montada... No cavalo amarelo galopa a morte... (p. 313). No Novo Testamento, diz assim a linha relevante: «E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o Inferno seguia com ele» (Apocalipse, 6: 8).

¹³ As implicações desse laço são uma das coisas que levaram o mesmo Pinheiro Torres (1979, pp. 226-269) e Ana Paula Ferreira (1992, pp. 208-214) a sondar a psicologia de Pedro Dias.

acham que esse dinheiro lhes dá o direito a grandes considerações¹⁴. O senhor Klemm lucra com o transporte de refugiados e considera os portugueses um povo híbrido e inferior. Leo, que mede o valor de tudo contra o do dinheiro, antigamente estava à vontade com a pujança alemã e interessado numa Alemanha forte. Jadwiga, que é basicamente simpática mas superficial, fazia um socialismo de passatempo quando era estudante na universidade, na Áustria. Pedro Dias despreza o rico que emprega o dinheiro para adquirir o que quer, mas mesmo assim está disposto a ajudar quaisquer indivíduos perseguidos por outros que ele abomina.

O sentido ético dele e a urgência política do momento exigem que Pedro conceda os vistos. Em termos abstractos da ética, Pedro entende que as exigências de justiça pesam muito mais do que a obediência a umas normas do consulado. Como quer que sejam Leo e Jadwiga como indivíduos, não merecem a expulsão da terra de onde eram, nem o ódio que muitos gentios exprimiam por eles, nem a violência que iam sofrer se Pedro não interviesse e eles não encontrassem um refúgio definido. Como indica Pedro na sua última conversa com Jadwiga, «a maior tragédia do nosso tempo está ainda no facto de muitos não se aperceberem do que lhes sucede, ou de pensarem que a ameaça não paira sobre eles» (p. 312). No contexto da expansão nazi, o conceder dos vistos e a devolução dos passaportes a Leo e a Jadwiga é imprescindível. Como não se alarmar com a invasão da Checoslováquia em Março e a invasão da Polónia em Setembro?

Do que estivemos a considerar, podemos concluir que para o tipo de consciência exemplificado em Diogo Relvas uma intervenção no fluir da História é impossível. É também impossível para o tipo encarnado em Alcides Bago-de-Milho, que, como Diogo Relvas, acabará absorvido. Embora por factores diferentes, essas duas “consciências” cabem sob a rubrica de incompetência. Na de Diogo Relvas há um excesso de egoísmo e na de Alcides Bago-de-Milho há quase uma ausência. Por outro lado, a consciência de uma figura como Alfredo Reinegro mostra que, na sua fase nascente, é muito perigosa e incerta uma intervenção. A de alguém como Pedro Dias, talvez satisfatoriamente constituída e positivamente orientada, mostra a dificuldade de uma intervenção, mesmo que pouco arriscada. Estas duas, também por factores diferentes, ficam sob a rubrica de perplexidade. No caso de Alfredo Reinegro a perplexidade liga-se a uma visão simplificada das coisas. No do Pedro Dias, tem a ver com reacções ambivalentes e contraditórias nele à situação.

Todos os quatro casos justificam para nós o interesse de uma aproximação à obra de Alves Redol que toma em conta a relação da problemática nos seus textos com o material da História. Não é apenas isso que justifica tal interesse mas também, agrupando esses quatro romances, a possibilidade de inferirmos, da parte do autor, uma meditação sobre a trajectória histórica de Portugal que necessita e possibilita a consciencialização dele. Notemos que os acontecimentos dos meses de 1939 que sublinham a urgência de conceder os vistos em *O Cavalo Espantado* são os mesmos que Alves Redol cita no prefácio à sexta edição de *Gaibéus* (1965, p. 36), cuja primeira edição se acabou de imprimir no Natal do mesmo ano. Assim começámos o nosso ensaio com o dogmatismo incompetente e reaccionário da passagem para o século vinte, continuámos com o acordar de uma resistência ainda perplexa das primeiras décadas do século vinte, passámos por um extravio de consciência aquém de competente da década de trinta, e chegámos ao compromisso talvez mais prometedor do que perplexo do fim daquela década. Podemos considerar esses romances componentes de uma apologia?

¹⁴ O contraste que se faria entre esses e os judeus de *Judeus sem Dinheiro* de Michael Gold é inevitável, dado que Pedro se refere explicitamente àquela obra em conversa com Jadwiga: — Lembrei-me de um livro com o título “Judeus sem dinheiro” de Michael Gold. Deixou me uma funda impressão. (p. 116).

Obras citadas

- FERREIRA, Ana Paula
1991, «As histórias do desejo e o desejo da História: “Os Reinegros” de Alves Redol», in *Colóquio/Letras*, n.º 120, Abril-Junho.
- FERREIRA, Ana Paula
1992, *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*, Lisboa, Caminho.
- GOLD, Michael
1930, *Judíos sin Dinero*, tradução de Margara Villegas, Madrid, Cenit.
- HOOK, Sidney
1955 (1.ª ed., 1942), *The Hero in History: A Study in Limitation and Possibility*, Boston, Beacon Press.
- PEPPER, Stephen C.
1972 (1.ª ed., 1942), *World Hypotheses: A Study in Evidence*, Berkeley, University of California Press.
- PITA, António Pedro
2002, *Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português: Arqueologia de uma problemática*, Porto, Campo das Letras.
- REDOL, António Alves
1939, *Gaibéus*, Lisboa, edição do autor.
- REDOL, António Alves
1940, «Nasci com Passaporte de Turista», in *Nasci com Passaporte de Turista*, Lisboa, Portugália.
- REDOL, António Alves
1943, *Fanga*, Lisboa, Portugália.
- REDOL, António Alves
1944 (1.ª ed., 1941), *Marés*, Lisboa, Inquérito.
- REDOL, António Alves
1949?, *A França: Da Resistência à Renascença*, Lisboa, Inquérito.
- REDOL, António Alves
1958, *A Barca dos Sete Lemes*, Lisboa, Europa-América.
- REDOL, António Alves
1960, *O Cavalo Espantado*, Lisboa, Portugália.
- REDOL, António Alves
1961, *Barranco de Cegos*, Lisboa, Portugália.
- REDOL, António Alves
1965, «Breve memória para os que têm menos de 40 Anos ou para quantos já esqueceram o que aconteceu em 1939», in *Gaibéus*, 6.ª ed., Mem Martins, Europa-America.
- REDOL, António Alves
1972, *Os Reinegros*, Mem Martins, Europa-América.

SARTRE, Jean-Paul

2002 (1.^a ed., 1939), «L'enfance d'un chef», in *Le mur*, Paris, Gallimard.

TORRES, Alexandre Pinheiro

1977, *O Neo-Realismo Literário Português*, Lisboa, Moraes.

TORRES, Alexandre Pinheiro

1979, *Os Romances de Alves Redol*, Lisboa, Moraes.

WHITE, Hayden

1986 (1.^a ed., 1978), «Introduction: Tropology, Discourse, and the Modes of Human Consciousness», in *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press.